

TWENTIETH CENTURY FOX

Apresenta

Uma Produção O2 FILMES, RHOMBUS MEDIA

& BEE VINE PICTURES

Um Filme de FERNANDO MEIRELLES

ENSAIO SOBRE

A CEGUEIRA

"Blindness"

Uma Distribuição FOX FILM DO BRASIL

Para ter acesso a informações de divulgação e fotos:

www.foxprensa.com

Para informações sobre outros lançamentos da Fox:

www.foxfilm.com.br

Site oficial do filme;

www.ensaiosobracegueirafilme.com.br

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA

(Blindness)

- ELENCO

Mulher do Médico	JULIANNE MOORE
Médico	MARK RUFFALLO
Mulher dos Óculos Escuros	ALICE BRAGA
Primeiro Homem Cego	YUSUKE ISEYA
Mulher do Primeiro Homem Cego	YOSHINO KIMURA
Contador	MAURY CHAYKIN
Velho da Venda Preta	DANNY GLOVER
Rei da Ala 3	GAEL GARCÍA BERNAL
Criança	MITCHELL NYE

- FICHA TÉCNICA

Diretor	FERNANDO MEIRELLES
Roteirista	DON MCKELLAR
Baseado na obra de	JOSÉ SARAMAGO
Produtores	NIV FICHMAN ANDREA BARATA RIBEIRO, SONOKO SAKAI
Produtores Executivos	GAIL EGAN SIMON CHANNING WILLIAMS, TOM YODA, AKIRA ISHII, VICTOR LOEWY
Co-produtores	BEL BERLINCK & SARI FRIEDLAND
Cinematografia	CÉSAR CHARLONE ABC
Production Designer	TULÉ PEAKE
Montagem	DANIEL REZENDE
Figurino	RENÉE APRIL
Música de	MARCO ANTONIO GUIMARÃES/UAKTI
Elenco	SUSIE FIGGIS & DEIRDRE BOWEN
Em associação com	ALLIANCE FILMS, FOX FILM DO BRASIL, GAGA COMMUNICATIONS, ASMIK ACE ENTERTAINMENT INC, IFF/CINV,

TELEFILM CANADA, ANCINE, POTBOILER PRODUCTION
Com a participação de T.Y. LIMITED, CORUS ENTERTAINMENT,
FIAT, BNDES, PAULÍNIA MAGIA DE CINEMA, C&A
Produção O2 FILMES / RHOMBUS MEDIA / BEE VINE PICTURES

SINOPSE

O vencedor do Prêmio Nobel de literatura, José Saramago, e o aclamado diretor Fernando Meirelles (*O Jardineiro Fiel, Cidade de Deus*) nos trazem a comovente história sobre a humanidade em meio à epidemia de uma misteriosa cegueira. É uma investigação corajosa da natureza, tanto a boa como a má – sentimentos humanos como egoísmo, oportunismo e indiferença, mas também a capacidade de nos compadecermos, de amarmos e de perseverarmos.

O filme começa num ritmo acelerado, com um homem que perde a visão de um instante para o outro enquanto dirige de casa para o trabalho e que mergulha em uma espécie de névoa leitosa assustadora. Uma a uma, cada pessoa com quem ele encontra – sua esposa, seu médico, até mesmo o aparentemente bom samaritano que lhe oferece carona para casa terá o mesmo destino. À medida que a doença se espalha, o pânico e a paranóia contagiam a cidade. As novas vítimas da “cegueira branca” são cercadas e colocadas em quarentena num hospício caindo aos pedaços, onde qualquer semelhança com a vida cotidiana começa a desaparecer.

Dentro do hospital isolado, no entanto, há uma testemunha ocular secreta: uma mulher (JULIANNE MOORE, quatro vezes indicada ao Oscar) que não foi contagiada, mas finge estar cega para ficar ao lado de seu amado marido (MARK RUFFALO). Armada com uma coragem cada vez maior, ela será a líder de uma improvisada família de sete pessoas que sai em uma jornada, atravessando o horror e o amor, a depravação e a incerteza, com o objetivo de fugir do hospital e seguir pela cidade devastada, onde eles buscam uma esperança.

A jornada da família lança luz tanto sobre a perigosa fragilidade da sociedade como também no exasperador espírito de humanidade. O elenco conta com: Julianne Moore (*Longe do Paraíso, As Horas*), Mark Ruffalo (*Zodíaco, Traídos Pelo Destino*), Alice Braga (*Eu Sou a Lenda, Cidade de Deus*), Yusuke Iseya (*Sukiyaki Western Django, Kakuto*) Yoshino Kimura (*Sukiyaki Western Django, Semishigure*), Don McKellar (*Monkey Warfare, Childstar*), Maury Chaykin (*Verdade Nua, Adorável Julia*), Danny Glover (*Dreamgirls – Em Busca de Um Sonho, A Cor Púrpura*) e Gael García Bernal (*Babel, Diários de Motocicleta, E Sua Mãe Também*).

SOBRE A PRODUÇÃO

"Acho que não ficamos cegos. Acho que sempre fomos cegos.

Cegos apesar de conseguirmos ver.

Pessoas que conseguem ver, mas não enxergar."

José Saramago, Ensaio Sobre a Cegueira

Em 1995, o aclamado escritor português José Saramago publicou o romance Ensaio Sobre a Cegueira, uma fábula apocalíptica sobre uma praga de cegueira que acomete, primeiramente, apenas um homem, depois uma cidade inteira, e em seguida todo o planeta, com fúria e velocidade devastadoras. Apesar da história narrar a chocante perda de visão, o livro abriu os olhos de seus leitores para um novo e surpreendente ponto de vista sobre o mundo.

O livro foi celebrado pelos críticos como um clássico, uma parábola magnífica sobre nossos tempos tão propensos aos desastres e sobre a metáfora da nossa cegueira no trato uns com os outros. Ele entrou para as listas de mais vendidos e contribuiu para que, Saramago ganhasse o Prêmio Nobel de Literatura, em 1998.

À medida que o romance ganhava milhões de fãs ao redor do mundo em uma velocidade impressionante, muitos realizadores de cinema ficaram interessados por seu complexo mundo fantasioso, nunca visto nas telas. Afinal de contas, como embutir uma estética comovente em um filme no qual quase ninguém consegue enxergar? Era necessária uma grande visão. Fernando Meirelles, na época um desconhecido candidato a diretor, tentou comprar os direitos do livro. Mas, naquela ocasião, Saramago rejeitou todos os pretendentes, alegando não estar interessado em uma versão cinematográfica de Ensaio Sobre a Cegueira. Meirelles embarcou, então, nas filmagens de outro filme comovente: a inovadora, eletrizante e, ainda assim lírica, história sobre os destemidos jovens em meio a criminalidade das favelas brasileiras, *Cidade de Deus*.

Enquanto isso, o multitalentoso roteirista canadense, ator e diretor Don McKellar também tentava adquirir os direitos de Ensaio Sobre a Cegueira. McKellar, cujos filmes incluem o drama apocalíptico *A Última Noite*, foi arrebatado pelas histórias de Saramago assim que leu a versão inglesa de Ensaio Sobre a Cegueira, e sabia que elas não o deixariam em paz enquanto ele não escrevesse sua visão da adaptação. Ele procurou o produtor Niv Fichman, da Rhombus Media – com quem já havia trabalhando, tanto em *A Última Noite*, como no

roteiro do vencedor do Oscar *O Violino Vermelho* – para discutir a idéia do filme e garantir os direitos do livro. Logo que leu a obra, Fichman ficou igualmente encantado com a história, porém ainda restava um obstáculo grande a ser transposto: convencer Saramago.

“Sempre resisti [a liberar os direitos de Ensaio Sobre a Cegueira] porque é um livro violento sobre a degradação social e eu não queria que a história caísse em mãos erradas”, Saramago contou à revista do jornal *New York Times*, em 2007.

Fichman e McKellar, no entanto, não desistiriam tão facilmente. Tudo o que queriam era uma oportunidade para se encontrarem com Saramago e apresentar o projeto. Depois de meses de insistentes ligações, de tentativas de persuasão, eles finalmente receberam a resposta de Saramago. Ele concordara em encontrá-los, contanto que estivessem dispostos a viajar até sua longínqua residência em Lanzarote, uma das Ilhas Canárias, na Espanha. A resposta imediata de Fichman foi: “Excelente. Claro. Onde fica Lanzarote?”

No caminho para a visita ao octogenário escritor, eles desenvolveram uma estratégia. Não discutiriam o livro ou a visão deles para o filme, mas tentariam impressionar Saramago com a liberdade criativa que a equipe, com sede no Canadá, levaria ao filme. “Acho que Saramago estava receoso de que o estúdio transformasse a história em um filme de zumbis e perdesse o pano de fundo político que o livro traz”, diz Fichman. “Então explicamos que o controle ficaria nas mãos dos diretores, e que nossas investidas não teriam que ser encaminhadas a terceiros. Explicamos também que teríamos liberdade de escolher o elenco que quiséssemos, de filmar como e onde gostássemos, e de fazer o que achássemos certo para o filme”.

A estratégia deu certo. “Acho que Saramago ficou impressionado com a nossa seriedade em relação ao projeto. Ele acreditou que nós tínhamos a integridade que ele buscava e que não comprometeríamos o livro”, recorda McKellar.

Por fim, Saramago acabou concordando e McKellar deu início a um dos maiores desafios de sua carreira. McKellar explica: “Sabia que o tom do livro de Saramago seria muito difícil de ser atingido em um filme, já que nenhum dos personagens sequer tem nome ou história, o que é muito fora dos padrões das histórias de Hollywood. O filme, da mesma forma que o romance, nos motiva a ver as coisas de uma perspectiva diferente. Para mim, como roteirista, vejo isso como algo libertador”.

McKellar também entendia que o filme teria que diferir do livro em inúmeros pontos importantes. Em primeiro lugar, ele teria que considerar a idéia de que, em uma sala de cinema, o público desenvolveria uma relação voyeurística incomum com aqueles personagens que podem ser vistos, mas eles próprios não conseguem ver. Apenas a Mulher do Médico consegue enxergar os

acontecimentos angustiantes que começam a perturbar a cidade. No livro, o leitor juntava-se a ela ao ser testemunha de toda a história. O fardo da visão era dividido entre a personagem e os leitores. Tratava-se de uma situação delicada na qual McKellar teria que navegar com cuidado.

“Assim como a Mulher do Médico, o público assiste àquela gente e a situação recai na velha questão ética da humanidade, que observa e não age diante do drama alheio, o que se torna o tema principal do filme”, observa McKellar. “Em algumas cenas, principalmente na cena do estupro, vemos coisas que não necessariamente queremos ver”.

“Queremos ter a liberdade de desviar o olhar, de virar o rosto, mas isso não nos é permitido. Eu queria que o público dividisse o ponto de vista da Mulher do Médico, uma vez que o campo de responsabilidade deles coincide”.

A Mulher do Médico ajudou McKellar a ir fundo na história. Ele continua: “Eu até cheguei a perguntar a Saramago por que a Mulher do Médico demorou tanto tempo para tomar alguma atitude em relação ao hospital. Por que ela não agiu mais rapidamente? Por que, quando ela viu o que estava acontecendo, não pegou uma tesoura e matou o algoz? Era uma responsabilidade que ela não sabia que teria de assumir. Ela se conscientiza disso por meio das ações e circunstâncias, e isso é algo que teria de ser sentido de maneira forte no filme”.

No final das contas, o poder do roteiro fascinou todos que o leram e também atraiu mais três produtoras: Andrea Barata Ribeiro e Bel Berlinck, da O2 Filmes, que produziram *Cidade de Deus*, a versão cinematográfica da série *Cidade dos Homens*; e Sonoko Sakai, fundadora da produtora Bee Vine Pictures, com sede em Los Angeles e no Japão, que produziu recentemente a adaptação de François Girard de *Paixão Proibida*.

SOBRE A PRODUÇÃO

VÔO CEGO: FERNANDO MEIRELLES ASSUME A DIREÇÃO

Uma vez que Niv Fichman leu o que Don McKellar escrevera para Ensaio Sobre a Cegueira, sabia que os dois precisariam de um diretor com um interesse profundo no espectro da natureza humana. Isto os levou diretamente a Fernando Meirelles, cujo filme *Cidade de Deus*, foi indicado a quatro Oscar, inclusive na categoria de Melhor Diretor. Meirelles dirigiu a sensível adaptação para o cinema do *thriller* político escrito por John Le Carré, *O Jardineiro Fiel*, estrelado por Ralph Fiennes e Rachel Weisz, ganhadora do Oscar de Melhor Atriz.

Sua habilidade de levar o público a conhecer mundos novos, capazes de mudar nossa perspectiva com um senso estético ambicioso foi um fator decisivo para a escolha de Meirelles. “Quando eu sonhava sobre o que seria perfeito para Ensaio Sobre a Cegueira, eu pensava na energia cinética e nas atuações naturalistas de *Cidade de Deus*, combinadas com a elegância e o sutil caráter político presente em *O Jardineiro Fiel*, então sabia que Meirelles seria a escolha certa”, diz Fichman. “Começamos com um livro escrito por um vencedor do prêmio Nobel, encomendamos uma adaptação de um dos melhores roteiristas do mundo, e agora com um dos mais inovadores diretores, criamos um pacote que nos deu uma força incrível”.

“Cinco minutos de conversa foi só o que demorou para convenceremos Meirelles a aceitar a direção de Ensaio Sobre a Cegueira”, recorda a produtora Andrea Barata Ribeiro. “Fernando tem a capacidade de filmar qualquer tipo de filme, mas todos os que já trabalharam com ele sabem de sua preocupação em transformar o mundo em um lugar melhor, além de nutrir carinho especial por esta história”.

Meirelles leu e releu o livro seis ou sete vezes, deixando que a complexa representação que Saramago fez da humanidade em um estado excepcional invadisse sua vida.

Ele entendia que a história poderia ser interpretada de inúmeras maneiras – como uma metáfora sobre as reações pessoais e políticas aos recentes desastres naturais; uma alegoria sobre os perigos do futuro; um comentário sobre a escolha de não querer ver o que acontece ao seu redor; uma reflexão sobre nossos instintos mais primários; um teste à consciência humana e a todas as suas fraquezas desesperadoras e forças surpreendentes. Ele queria que o

filme fosse todas essas coisas embora não apenas uma delas explicitamente.

“Esta história não possui uma leitura, e todas as diferentes interpretações fazem sentido”, ele diz. E prossegue: “Há muitos dilemas morais e eu acho que o filme investe mais nesta direção do que o próprio livro, onde as coisas são um pouco mais preto-no-branco. Eu adicionei uma porção de tonalidades cinza. Esta é uma história que deve inspirar diversas questões, mas não nos dá resposta alguma. Ela levanta questionamentos sobre a evolução humana, nos faz refletir criticamente, mas não aponta para uma direção específica. Assim como na história, cada um terá que descobrir a própria estrada a seguir”.

Mas, quanto ao estilo visual do filme, Meirelles evitou o cinza. Ele queria enfatizar a inesperada cegueira especificada por Saramago, não uma escuridão total, mas uma neblina que fosse impermeável, radiante e obscura, e que não encobrisse o mundo. “Meu primeiro instinto foi tornar essa história sombria num filme radiante, quase com uma luminosidade excessiva”, ele comenta. No entanto, mesmo com o fim da visão, da civilidade e das estruturas sociais para os personagens, o filme mantém uma luminosidade vibrante que sugere uma luz justamente do outro lado da escuridão.

Meirelles, junto com seu parceiro e cinematógrafo César Charlone, é conhecido por fazer filmes de visual arrebatador, vigoroso, com temas desafiadores e em lugares ameaçadores, mas com Ensaio Sobre a Cegueira ele se viu diante do maior desafio de todos: como filmar uma história na qual nenhum dos personagens, com exceção de um, tem um ponto de vista?

Para resolver a questão, Meirelles arriscou na alternância entre pontos de vista diferentes ao longo do filme. Ele começa com o vantajoso ponto de vista do diretor onisciente para então, dentro do hospital usado como uma espécie de prisão, mudar para a visão da Mulher do Médico, visto que ela é a única que consegue enxergar.

O resultado é uma espécie de multiplicidade de vozes e perspectivas, que ecoa o estilo da prosa de Saramago e indica um modo diferente de enxergar. Para enfatizar este aspecto, Meirelles dividiu a história no que ele entendeu como três seções estilisticamente distintas. “O primeiro ato é quando todos ficam cegos e tudo acontece de maneira muito acelerada. É quase como se fosse um filme de ação”, ele explica. “Sentia que era importante para o público experimentar a opressão de não saber o que está acontecendo no início”, observa.

Em seguida, mais uma vez, tudo muda. “Para o segundo ato, quando o médico e sua esposa vão até o asilo e experimentam a cegueira, usamos imagens abstratas para encaixar com a sensação de realmente estar perdido. A história segue uma direção diferente com brigas entre os grupos em uma espécie de

guerra entre gangues. Depois do incêndio no asilo, uma nova porta se abre, as pessoas vão embora e é como se, novamente, começasse um outro filme”, ele adianta.

Apesar de a abordagem ser complexa, uma vez no set de filmagens Meirelles ficou conhecido por sua sensibilidade aberta, permitindo improvisação e acidentes criativos. O diretor também acrescentou à mistura um aspecto global que a produção carregava. “Fernando tem um jeito de desarmar a todos. Não há limites para ele. No set, ouvíamos português, inglês, francês, espanhol e japonês, ainda assim, nós todos falávamos uma única linguagem – a linguagem do fazer uma bela história” resume a produtora Sonoko Sakai.

O MÉDICO E SUA ESPOSA: JULIANNE MOORE E MARK RUFFALO

No centro de *Ensaio Sobre a Cegueira*, estão o Médico e a Mulher do Médico, duas pessoas comuns que são retiradas de suas vidas cotidianas e jogadas em um caos de desorientação e confusão. A Mulher do Médico, única pessoa na história que, por sorte do destino, é imune à infecção e ainda consegue enxergar (apesar de fingir ter ficado cega), transformando-se, de certa forma nos olhos do público, além de conduzi-lo a tudo que acontece àqueles cuja visão agora é nula. Ela guia o público no assustador e ameaçador mundo do sanatório abandonado para onde são levados. Para interpretar a Mulher do Médico, o diretor recrutou Julianne Moore, quatro vezes indicada ao Oscar, conhecida por *Longe do Paraíso*, *As Horas*, *Fim de Caso* e, mais recentemente, *Filhos da Esperança*, o futuro pessimista envisioned por Alfonso Cuarón. Moore sentiu uma afinidade instantânea com a personagem, a quem ela não atribui o título de heroína, mas vê como alguém em busca da sobrevivência, assim como todos nós, uma busca que a leva a lugares obscuros, porém também a uma força interior que ela não imaginava possuir.

“A Mulher do Médico é um ser humano normal e acho que esta é uma das melhores coisas do romance. Ela é falível e muito do que faz, em um primeiro momento, é apenas um indicativo do que ela poderia fazer, mantendo as coisas em ordem e funcionando. A maior preocupação dela, no começo, é o marido. Mas a habilidade que tem para enxergar, acaba isolando-a e transformando-a em líder”, comenta Moore. E completa: “Acho que, com essa personagem, Saramago faz alusão à idéia da responsabilidade. Ele pergunta quem nós somos e o quão responsáveis somos uns pelos outros, pelo mundo em que vivemos e pelo que fazemos nele. Temos que considerar o quão cientes estamos das conseqüências de nossos atos, o que realmente é a questão básica para a Mulher do Médico”.

Há tempos a atriz tinha vontade de trabalhar com Meirelles, quando enfim, recebeu o roteiro de Ensaio Sobre a Cegueira. “Quando fiquei sabendo que ele estava fazendo este filme, fiquei com muita vontade de participar. Ele é um diretor brilhante, com uma visão deslumbrante”, ela diz. “Então, logo depois de ler o roteiro, percebi que Ensaio Sobre a Cegueira seria muito importante e uma história muito necessária atualmente”.

Julianne Moore chocou os realizadores ao chegar ao set com o cabelo loiro. Meirelles havia pedido à atriz para cortar o cabelo para o filme, mas Moore foi um pouco além na transformação, uma idéia que lhe ocorreu enquanto ela lia o roteiro. “Eu simplesmente tive um instinto de que era certo para o personagem”, ela explica. “O cabelo ruivo destaca muito a pessoa porque somos minoria. Eu queria que a Esposa fosse uma figura comum, que pertencesse à maioria”.

No set, Meirelles ficou estarecido com a combinação que Moore fazia de talento e delicadeza emocional. “Tecnicamente, ela é como uma máquina; dizemos alguma coisa e ela reage imediatamente, ela entende a história perfeitamente, o momento, a trama e sabe precisamente a distância a se posicionar da câmera. Ao mesmo tempo, ela é puro cinema. Ela tem algo que eu não sei bem como definir. Carisma? Expressividade? Seja lá o que for, todo dia eu ficava abismado com a atuação dela”, elogia.

Contrastando com a crescente coragem da Mulher do Médico, a bravura do Médico diminui cada vez mais. Ele começa a história como um líder comunitário forte e responsável que, uma vez cego e aprisionado no hospital, precisa lutar contra uma sensação crescente de impotência e desespero que o leva à sujeição. Para interpretar o Médico, os diretores escolheram Mark Ruffalo, cuja carreira deslanchou com o charmoso e vulnerável papel no sucesso independente *Conte Comigo*, e seguiu com memoráveis papéis em uma série de filmes, que inclui *Brilho Eterno de Uma Mente Sem Lembranças*, *Colateral*, *A Grande Ilusão*, *Zodíaco* e mais recentemente, *Traídos Pelo Destino*, com Joaquin Phoenix. Ruffalo foi a escolha perfeita para este pilar da comunidade que mergulha em um pesadelo incompreensível.

Logo após ler o roteiro, Ruffalo não conseguiu resistir a explorar a intensa experiência do Médico no terreno desconhecido que é a vida de uma pessoa que acaba de ficar cega. “O que eu achei interessante é que o Médico acaba descobrindo que ele não é a pessoa em que acaba se transformando e, então, em um momento comovente, descobre que sua esposa também não é quem ele pensava. O ponto central e mais interessante da questão é que sua esposa é que apresenta uma faceta que ele próprio esperava apresentar sob tais circunstâncias. E ele é justamente o tipo de pessoa que imaginava que sua esposa fosse. Este é um momento difícil para todos: ter suas percepções

completamente destruídas”, ele diz. “Mas acho que o Médico finalmente aceita pacificamente suas fraquezas e sua queda, e admite sentir admiração pela força da esposa”.

Ruffalo se encontrou com Meirelles pela primeira vez no Festival de Cinema de Cannes de 2007, para discutir o personagem do Médico, mas as filmagens coincidiriam com a data prevista para o nascimento do terceiro filho do ator. Apesar de querer muito o papel, Ruffalo deixou claro que precisava estar com a esposa no nascimento do filho. Meirelles, no entanto, estava convencido de que Ruffalo era o ator certo para o papel, e, conseqüentemente, antecipou um pouco a data de encerramento das filmagens de Ensaio Sobre a Cegueira para liberar Ruffalo a tempo já que, felizmente, o bebê também colaborou.

Meirelles resume o trabalho de Ruffalo: “Mark tem uma honestidade crua, não apenas nos personagens que interpreta, mas na vida pessoal. Ele traz ternura ao Médico e acho que sua atuação no filme foi brilhante”.

O VELHO DA VENDA PRETA: DANNY GLOVER

Se a Mulher do Médico torna-se os olhos de Ensaio Sobre a Cegueira, o personagem conhecido como o Velho da Venda Preta dá acesso direto a alma do filme. Um inveterado contador de histórias que também serve como o narrador do filme, foi visto por Fernando Meirelles como uma manifestação do autor José Saramago nas telas. “Para mim, era como ter o romancista no elenco”, observa Meirelles.

Paciente do Médico e já cego de um dos olhos quando a “treva branca” ataca, o Velho da Venda Preta está em uma posição privilegiada para navegar no mundo dos cegos, uma vez que já estava no meio do caminho. Ele fica conhecido do público quando traz a notícia – ou seria o boato? – do que acontecera no mundo exterior nos dias seguintes à chegada dos primeiros cegos internados no hospital contando histórias de ônibus capotados, aviões se espatifando uns nos outros e a dissolução do governo. Mas, a medida que o filme avança, ele se torna a voz interior da história, e por fim, acaba como se houvesse desencarnado e estivesse pairando sobre os acontecimentos.

O personagem exigia um ator maduro, cheio de alma e graça, o que levou a produção ao ator Danny Glover, veterano que já interpretou uma quantidade impressionante de papéis diversificados, da ação cômica da série *Máquina Mortífera*, em que contracenou com Mel Gibson, até a interpretação de Nelson

Mandela no telefilme *Mandela*; do personagem Paul Garner, na adaptação que Jonathan Demme fez de *Bem Amada*, de Toni Morrison, ao personagem Albert na adaptação cinematográfica de Steven Spielberg da história *A Cor Púrpura*, e ao recente papel no musical de sucesso *Dreamgirls – Em Busca de Um Sonho*.

“O Velho da Venda Preta entra neste mundo novo de cegueira já cego de um olho, então acho que ele entende onde se encontra, tem sua própria verdade interior. Acho mesmo que este personagem era parecido com Saramago, porque ele é completamente implacável; ele é daquele jeito mesmo e aceita quem é”, explica Glover.

Acima de tudo, Glover foi arrebatado pela profundidade de Ensaio Sobre a Cegueira e por todas as idéias diferentes provocadas por ele. “Nossa estética humana é baseada em nossa capacidade de enxergar”, ele ressalta. “E acho que Saramago diz isso quando essa habilidade nos é tirada, o tipo de relações que estabelecemos a partir disso e a jornada para estabelecer estes relacionamentos, que deve ser transcendente a tudo isso e se sustentar apesar de tudo. A maneira como as pessoas saem desse tipo de experiência é fundamental, e acho que tudo se relaciona à idéia de que se não entrarmos nos séculos 21 e 22 com uma nova ética, ficaremos perdidos”.

A MULHER DOS ÓCULOS ESCUROS: ALICE BRAGA

Um dos personagens mais misteriosos em Ensaio Sobre a Cegueira é a Mulher dos Óculos Escuros, interpretada por Alice Braga, que trabalhou pela primeira vez com Fernando Meirelles ao dar vida à personagem Angélica em *Cidade de Deus*, e que estrelou recentemente a trama apocalíptica *Eu Sou a Lenda*, contracenando com Will Smith. Meirelles sempre pensou nela para o papel. “Alice é uma excelente atriz e uma ótima amiga, eu sempre quis um ator brasileiro em Ensaio Sobre a Cegueira”, ele diz. “Primeiramente, eu tinha algumas preocupações sobre ela ter que atuar em inglês – um idioma que ela só aprendeu há três ou quatro anos –, mas me arrisquei e valeu a pena. Acho que ela tem o tipo de carisma que já nasce com a pessoa”.

Alice Braga fez da personagem uma pessoa que começa cheia de segredos e bastante enigmática, mas se revela um ser humano rico e aberto, principalmente quando começa a se aproximar do órfão Garotinho Estrábico, que precisa de sua ajuda para sobreviver aos perigos do “campo” da quarentena. “A Mulher dos Óculos Escuros é misteriosa”, diz Braga. “Apesar de ela dormir com os homens para ganhar dinheiro fácil, não queria tratá-la apenas como uma prostituta. Ela começa com uma atitude bem durona, mas acaba desenvolvendo sentimentos maternos muito fortes”.

Meirelles ficou impressionado com a maneira como Braga conduziu a evolução da personagem: “Quando ela chega pela primeira vez ao hospital, com seus óculos escuros e o cabelo cacheado, o público não sabe imediatamente quem ela é, nem entende a relação que ela tem com o Menino. Ela parece fria, sem afetuosidade. Mas, então, ela começa a enxergar com outros olhos, os de dentro. Cena a cena, ela começa a ficar mais afetuosa, mais parecida com um ser humano. Essa é a trajetória de Alice. Por conta de sua cegueira, a Mulher dos Óculos Escuros aprende a enxergar”.

O LADRÃO E O REI DA ALA 3: DON MCKELLAR E GAEL GARCÍA BERNAL

Para interpretar o homem conhecido como Ladrão, que começa o filme como o bom samaritano que dá carona ao Primeiro Homem Cego até a casa dele, os diretores voltaram-se para uma fonte inusitada: o roteirista do filme, Don McKellar, que também tem uma bem-sucedida carreira como ator. McKellar conta: “Eu não escrevi o papel do Ladrão para mim, mas sempre me interessei muito por ele. Primeiro, o público acha que o Ladrão é o bom samaritano que leva o Primeiro Homem Cego até a casa dele, porém mais tarde fica provado que ele só quer se aproveitar da situação porque acaba roubando o carro dele. Gosto do truque, da enganação, que faz pensar que o Ladrão é o bandido da história. Ele é o personagem patético que no início acreditamos ser o vilão, mas que depois percebemos que está longe de ser isso. Há um certo encanto no desespero dele, porque, depois de certo ponto, conhecemos o Rei da Ala 3 e vemos o que é efetivamente desespero”.

O Rei da Ala 3 é apresentado, inicialmente, como o Barman, sua ocupação na vida antes da “treva branca” atacar. Mas, dentro do hospital em quarentena, o Barman se denomina o ditador real da Ala 3 e depois do restante do hospital, a medida que ele passa a controlar os recursos escassos que o governo provê – principalmente comida – e a exigir em troca jóias, bens e no final, até as mulheres.

O papel foi para um dos mais eletrizantes atores do cinema atualmente, Gael García Bernal, que ficou famoso pelos bem-sucedidos filmes *E Sua Mãe Também* e *Amores Brutos*. Ganhou aclamação da crítica e inúmeros prêmios com a interpretação do jovem Che Guevara em *Diários de Motocicleta*, de Walter Salles.

Bernal é um fã antigo do romance. Ele comenta: “Sempre achei a história extraordinária. É sobre a incapacidade das pessoas de viverem juntas, sobre o que acontece quando elas não conseguem enxergar umas às outras. Gosto do fato de a história criar uma situação que testa todas as estruturas morais e

sociais que aprendemos. As alas do hospital ficam caóticas e corrompidas, assim como o próprio mundo. Mas, no final é uma história sobre a esperança, porque a única coisa que pode nos salvar somos nós mesmos”.

O ator sabia que estaria se comprometendo com um papel muito exigente que iria requerer dele a interpretação de um poderoso corruptor que, no entanto, teria que manter um senso muito particular de humanidade e deveria ser ao mesmo tempo, cômico, selvagem e verdadeiro. “Acho que o Rei é apenas muito prático, muito pragmático. Ele parece uma pessoa fria, porque é desprovido de idealismo e não vislumbra uma esperança, mas é um sobrevivente, da mesma maneira que os demais”, observa Bernal. “Dizer que o Rei é mau seria ir contra o objetivo da história. Ele escolhe soluções práticas para o bem de sua ala. E o que é tão poderoso nele é que suas ações acabam resultando em debates acalorados sobre a moral”.

O PRIMEIRO HOMEM CEGO E SUA ESPOSA: YUSUKE ISEYA E YOSHINO KIMURA

O primeiro homem a ficar cego em Ensaio Sobre a Cegueira, Paciente Zero como é chamado, torna-se a lança que leva a história adiante. O público acompanha o suspense quando ele repentinamente perde a visão ao esperar em um sinal fechado e adentra o agora hostil mundo ao tentar entender o que acontece com ele e o motivo. Ao aceitar uma carona de um estranho (depois conhecido como Ladrão) até sua casa, ele logo contamina sua irritada e inconsolável esposa com a doença, iniciando uma reação em cadeia que rapidamente foge de controle.

O Primeiro Homem Cego e sua mulher são, talvez, os personagens que mais mudam na adaptação que Don McKellar fez do romance de Saramago. Para começar, McKellar acrescentou uma briga conjugal que dá à seqüência inicial ainda mais tensão emocional e que acaba virando um tema por si só – a partir da cegueira, um abismo se abre entre o casal que se encontra incerto sobre as coisas que o une para além da visão.

Em segundo lugar, apesar da etnia dos personagens não ser fator explicitado no romance, McKellar e Fernando Meirelles decidiram, logo no início, chamar para o elenco dois atores asiáticos para completar a mistura étnica do filme, algo típico em qualquer grande cidade pós-moderna. Mas, uma vez tomada esta decisão, eles passaram meses em busca dos atores certos. Por fim, escolheram os atraentes Yusuke Iseya e Yoshino Kimura, ambas estrelas do sucesso japonês de Takashi Miike, *Sukiyaki Western: Django*, de 2007, uma refilmagem do

faroeste spaghetti dirigido por Sergio Corbucci, de 1966, com Quentin Tarantino no elenco.

Ambos falavam inglês suficiente para fazer os papéis funcionarem e mais importante ainda, tinham uma química essencial que os permitia atuar lindamente em silêncio. “Fernando chegou à brilhante conclusão de que, mesmo as falas sendo em inglês, os dois poderiam falar em japonês entre eles, o que não os obrigava a ser fluentes em inglês”, diz Sonoko Sakai. “Isso nos permitiu ir atrás de ótimos atores, que encontramos em Iseya e Kimura”.

COMO SER CEGO: OS LABORATÓRIOS PARA A CEGUEIRA

Uma vez escolhido o elenco de Ensaio Sobre a Cegueira, uma enorme tarefa se impôs: colocá-los sob a experiência de se tornar repentina, inexplicável e irreversivelmente cegos. Para isso, os realizadores trouxeram a bordo treinadores de atores que se tornaram “treinadores para a cegueira”, Christian Duurvoort e Barbara Willis Sweete, que depois de intensas entrevistas com deficientes visuais, desenvolveram um sistema criativo e inédito para ensinar àqueles que podem ver a fisicamente movimentar-se como se não pudessem enxergar.

Eles começaram a trabalhar com os atores em uma série de intensos “laboratórios de cegueira”, que exploravam o espaço, experimentavam os cheiros e os sons e simulavam tarefas físicas como encontrar comida, atear fogo e assaltar pessoas sem enxergar. Cada ator começou com imersão total, passando horas com uma venda, apenas para se acostumar com a sensação de não poder contar com a visão. Num dado momento, as vendas foram removidas, gradualmente passando a olhos fechados e finalmente, a atuação de olhos abertos. Os atores principais também tinham a opção de usar lentes que, efetivamente, os deixavam cegos, algo de que eles lançaram mão durante as cenas mais intensas, o que os permitia focar na interpretação em vez de focar na idéia de que não estavam enxergando. Alice Braga relata: “No começo, eu pedi as lentes porque havia muitas coisas em que prestar atenção: não olhar, entrar na cena, sentir as emoções e falar em um idioma diferente. Mas, depois de 20 dias de filmagem, eu parei de usá-las porque já havia entrado de fato no papel”.

Com o tempo, o elenco principal – bem como centenas de figurantes, que já estavam completamente confortáveis em seus papéis de cegos – começou a se adaptar ao trabalho sem a visão. “Demora um tempo para ensinar não somente como se comportar como cegos, mas a ser ‘recém-acometido pela cegueira’”,

ênfatiza Duurvoort. “Mas, com o tempo, começamos a nos dar conta de certas coisas. Para os cegos, o espaço é o que o corpo consegue alcançar. Além disso, as pessoas que conseguem enxergar escutam determinados sons em que não prestam atenção, mas, para os cegos, todo tipo de barulho é muito importante”.

Meirelles ficou tão impressionado com os laboratórios que, não somente participou deles, como também encorajou a todos, inclusive ao diretor de fotografia César Charlone e outros diretores de setores importantes, a participarem, o que acabaria influenciando cada arte e cada parte do filme. Meirelles diz: “Para mim, a maior revelação foi em relação aos sons – como escutamos as coisas, como os sons mudam a gente, como eles mudam nossas percepções do mundo ao nosso redor. Então, neste filme, escutaremos tudo potencializado. Usamos todos os sons limpos, para o público prestar atenção a cada barulhinho”.

Todo mundo que participou teve suas experiências pessoais em relação aos laboratórios para a cegueira. “Chegamos a uma situação como esta com certa dose de ansiedade”, diz Danny Glover. “Mas Christian fortaleceu minha sensibilidade em relação a confiança e a percepção que nosso corpo tem das coisas. Aprendi como podemos notar, rapidamente, a energia de um lugar e até mesmo a temperatura. Isto me deu um nível de confiança que me permitiu atuar de maneira diferente em frente às câmeras”.

Mark Ruffalo achava que ser cego lhe daria novas opções inéditas. “O mais importante sobre a cegueira era a liberdade que sentia como ator”, ele conta. “Quando não conseguia enxergar, não ficava preocupado com o que minhas mãos se ocupariam ou com a minha aparência durante uma cena. Era como as crianças costumam dizer, ‘Eu vou fechar os olhos e o mundo não pode me ver mais’. Aprendemos a confiar no que o diretor estava vendo mais do que os nossos próprios olhos”.

Ele continua: “Experimentar a cegueira também nos ajudou a entender mais a história. Naqueles laboratórios, éramos atirados, de olhos vendados, em uma rua de cidade grande com outros 20 estranhos, com apenas um som de sino para nos guiar. O que acontece é que todo mundo começa a se segurar, todos se apóiam uns nos outros e se movem em grupo. Imediatamente, cria-se uma confiança e uma comunidade e acho que é disso que trata, parcialmente, a história de Saramago”.

NA CLARIDADE: A PRODUÇÃO

Desde o início, Fernando Meirelles sabia que, ao transpor Ensaio Sobre a Cegueira para as telas, o filme iria, ironicamente, exigir um imaginário realmente original. Para desenvolver o visual do filme, o diretor convocou grande parte da equipe fiel e talentosa com a qual trabalhou em *Cidade de Deus*, incluindo o diretor de fotografia indicado ao Oscar, César Charlone, que usou suas experiências nos “laboratórios de cegueira” para ajudar a forjar as simulações visuais da “treva branca”; o montador indicado ao Oscar, Daniel Rezende, que trabalhou de perto com Meirelles para estruturar os pontos de vista mutáveis e sinuosos; e o production designer Tule Peake, que transformou a prisão no assombroso campo de batalha de internos, que os críticos do romance de Saramago comparam ao Inferno de Dante, e transformou a cidade, outrora cosmopolita, em um grande terreno baldio repleto de adversidades para Ensaio Sobre a Cegueira.

Respeitando o desejo de Saramago de que o filme, assim como o romance, se passasse em uma cidade não-identificada, o que empresta uma universalidade incomum à trama, a produção de Ensaio Sobre a Cegueira decidiu filmar em três países diferentes. No entanto, nenhum sinal que pudesse identificá-los foi usado. A maior parte das cenas externas foi filmada em São Paulo, cidade em que Meirelles mora; as cenas, ambientadas no asilo transformado em campos de quarentena, foram filmadas em uma prisão desativada em Guelph, no Canadá; e o clímax do filme, que se desdobra frente a uma paisagem destruída de uma cidade arruinada, foi filmado tanto em São Paulo como em Montevideú, no Uruguai (uma cidade sugerida pelo diretor de fotografia César Charlone, de origem uruguaia).

Ao longo das filmagens, Meirelles foi guiado principalmente pela citação na capa do romance de José Saramago (do antigo Livro das Exortações): “Se é capaz de ver, olhe. Se é capaz de olhar, observe”. Afinal de contas, esta história sobre cegueira, Meirelles resume, “é realmente sobre aprender a ver”.

SOBRE O ELENCO

JULIANNE MOORE (Mulher do Médico); uma atriz excepcionalmente versátil, participou de notáveis sucessos de bilheteria e filmes de longa-metragem independentes. Recentemente, atuou ao lado de Jonathan Rhys-Meyers, em *Shelter*, *thriller* sobrenatural dirigido pela dupla sueca Mans Marlind e Bjorn Stein. Ela estrela o longa-metragem independente *Pecados Inocentes*, que estreou no Festival de Cinema de Cannes de 2007, na mostra Quinzena dos Realizadores, sobre os assassinatos de Baekeland, ocorridos em Londres nos anos 1970, e seus trabalhos mais recentes incluem *Não Estou Lá*, filme de Todd Haynes no qual sete personagens caracterizam um diferente aspecto da vida e obra de Bob Dylan e *Filhos da Esperança*, dirigido por Alfonso Cuarón, com Clive Owen no elenco.

Moore é a nona pessoa na história da Academia de Ciências e Artes Cinematográficas a receber duas indicações ao Oscar de melhor atuação no mesmo ano, por suas performances em *Longe do Paraíso* (indicada a Melhor Atriz) e em *As Horas* (indicada a Melhor Atriz Coadjuvante). *Longe do Paraíso*, o filme da Focus Features aclamado pela crítica e dirigido por Todd Haynes, também traz no elenco Dennis Quaid e Dennis Haysbert. Ela ganhou várias resenhas positivas pela atuação nesse filme, incluindo os prêmios da National Board of Review, Los Angeles Film Critics e Broadcast Film Critics, entre outros. Também ganhou o Independent Spirit Award de Melhor Atriz pela atuação neste filme, além de indicações ao Globo de Ouro e ao Screen Actors Guild Award na mesma categoria. *As Horas* (Paramount Pictures), dirigido por Stephen Daldry, é baseado no romance homônimo vencedor do Prêmio Pulitzer, escrito por Michael Cunningham, no qual também atuam Nicole Kidman e Meryl Streep. Por sua atuação naquele filme, além de uma indicação ao Oscar, foi indicada ao Screen Actors Guild Awards na categoria Melhor Atriz Coadjuvante.

Os créditos de Moore no cinema são: *A Cor de um Crime*, de Joe Roth, com Samuel L. Jackson; *Os Esquecidos*, de Joe Ruben, com Dominic West; a comédia romântica *Leis da Atração*, com Pierce Brosnan; *The Prizewinner of Defiance, Ohio*, de Jane Anderson; *Chegadas e Partidas*, de Lasse Hallström, com Kevin Spacey, Cate Blanchett e Judi Dench; *Totalmente Apaixonados*, *World Traveler* e *O Mito das Digitais*, de Bart Freundlich; *Hannibal – A Origem do Mal*, no qual ela interpretou Clarice Starling e contracenou com Anthony Hopkins; *Evolução*, com David Duchovny; *Fim de Caso*, de Neil Jordan, com Ralph Fiennes (indicada ao Oscar, ao Globo de Ouro e ao SAG Award como Melhor Atriz); *Boogie Nights – Prazer Sem Limites* (indicada ao Oscar, ao Globo de Ouro e ao SAG Award como Melhor Atriz Coadjuvante) e *Magnólia* (indicada ao SAG Award como Melhor Atriz Coadjuvante), ambos de Paul Thomas Anderson; *A Fortuna de Cookie*, com Glenn Close e Liv Tyler, e *Short Cuts* –

Cenas da Vida (indicada ao Independent Spirit Award como Melhor Atriz Coadjuvante); a refilmagem de *Psicose*, de Gus Van Sant, com Vince Vaughn; *O Marido Ideal* (indicada ao Globo de Ouro como Melhor Atriz), com Rupert Everett; *O Mapa do Mundo*, com Sigourney Weaver; *O Mundo Perdido – Jurassic Park*, de Steven Spielberg; *O Grande Lebowski*, estrelado por Jeff Bridges e dirigido pelos irmãos Coen; *Safe* (indicado ao Independent Spirit Award como Melhor Atriz); *Tio Vanya em Nova York*, de Louis Malle; *Os Amores de Picasso*, de James Ivory; *A Mão que Balança o Berço*; *Benny & Joon – Corações em Conflito*; *O Fugitivo*; *Nove Meses*; e *Assassinos*.

Também ganhou o Excellence in Media Award no GLAAD Media Awards de 2004, o Actor Award no Gotham Awards de 2002 e o “Tribute to Independent Vision” no Festival de Cinema de Sundance de 2001.

MARK RUFFALO (Médico); com uma extensa lista de filmes em seu currículo, Mark Ruffalo é um dos atores mais disputados de Hollywood, atuando com facilidade nos palcos e nas telas, tendo trabalhado com diretores como Ang Lee, Michael Mann, David Fincher, Michael Gondry, Kenneth Lonnergan e Spike Jonze. Antes de Ensaio Sobre a Cegueira, Ruffalo filmou o longa-metragem *The Brothers Bloom*, dirigido por Rian Johnson (*A Ponta de um Crime*). O elenco inclui Adrien Brody, Rachel Weisz e Rinko Kikuchi. Ruffalo vai representar o irmão mais velho em um time de trapaceiros.

Ruffalo também pode ser visto no filme da Focus Features *Traídos Pelo Destino*, contracenando com Joaquin Phoenix. O filme é baseado num romance *best-seller*, que conta a história de dois pais em lados opostos de um acidente de carro em que o motorista fugiu. *Traídos Pelo Destino* foi exibido no Festival Internacional de Cinema de Toronto e teve uma plataforma de lançamento começando em 19 de outubro de 2007. Ruffalo atuou, recentemente, em *Where the Wild Things Are*, dirigido por Spike Jonze, e em *Margaret*, filme de Kenneth Lonergan, com Anna Paquin e Matt Damon.

Em 2006, Ruffalo apareceu no filme da Phoenix Pictures, *Zodíaco*, contracenando com Jake Gyllenhaal e Robert Downey Jr. Baseado em uma história verídica, o filme gira em torno do homem que perseguiu o assassino em série conhecido como Zodíaco, que aterrorizou São Francisco por 25 anos. Ruffalo interpreta o inspetor de homicídios encarregado do caso. A Phoenix Pictures anunciou a compra dos direitos de *The Brass Wall*, a ser estrelado por Ruffalo. Ele interpretará um policial disfarçado que se infiltra na família criminosa Lucchesi em Nova York, para solucionar o assassinato de um bombeiro da cidade.

No ano passado, Ruffalo teve sua estréia na Broadway na remontagem de

Awake and Sing! de Clifford Odets no Lincoln Center Theater. Recebeu uma indicação ao Tony Award por sua atuação na categoria Melhor Ator de Cinema em uma Peça. No drama sobre a Grande Depressão, dirigido por Bartlett Sher (*The Light in the Piazza*), Ruffalo representou um veterano da Primeira Guerra Mundial, que perdeu uma perna durante a guerra. O elenco ainda incluía Ben Gazzara, Zoe Wanamaker e Lauren Ambrose.

Em 2006, participou de *A Grande Ilusão*, da Columbia Pictures, juntamente com Sean Penn, Kate Winslet e Jude Law. O filme teve sua estréia no Festival Internacional de Cinema de Toronto. Em 2005, atuou como par romântico de Reese Witherspoon em *E Se Fosse Verdade*, da Dreamworks. Antes desse papel, ele foi visto em *Colateral*, também da Dreamworks, lançado em 2004, contracenando com Tom Cruise e Jamie Foxx. Em *Colateral*, Ruffalo interpretou o oficial da polícia de Los Angeles que perseguia o assassino de aluguel interpretado por Tom Cruise. Ele também apareceu em *Tentação*, da Warner Independents. O filme foi aclamado pela crítica no Festival de Cinema de Sundance de 2004. Ruffalo contracenou com Naomi Watts, Peter Krause e Laura Dern e também trabalhou como produtor executivo nesse drama, que examina as conseqüências de um adultério que destrói dois casamentos.

Em 2003, Ruffalo contracenou com Meg Ryan no filme de Jane Campion *Em Carne Viva*. Naquele mesmo ano, apareceu no filme independente chamado *Minha Vida Sem Mim*, escrito e dirigido por Isabel Coixet e estrelado por Sarah Polley e Scott Speedman. Em 2004, foi visto na comédia romântica da Columbia/Tristar *De Repente 30*, contracenando com Jennifer Garner. Em março de 2004, foi visto no filme da Focus Feature *Brilho Eterno de Uma Mente Sem Lembranças*, atuando com Jim Carrey, Kirsten Dunst, Kate Winslet, Elijah Wood e Tom Wilkinson, com roteiro escrito por Charlie Kaufman.

Ruffalo conseguiu o reconhecimento da crítica em 2000 pelo papel em *Conte Comigo*, de Kenneth Lonergan, contracenando com Laura Linney e Matthew Broderick. Por essa atuação, ganhou o Prêmio de Melhor Ator no Festival de Cinema de Montreal de 2000 e o New Generation Award da Los Angeles Film Critics Association. O filme foi produzido por Martin Scorsese, aclamado pela crítica nacional, e foi especialmente bem-recebido no Festival de Cinema de Sundance de 2000, ganhando dois dos principais prêmios: o cobiçado Grande Prêmio do Júri de Melhor Filme em uma disputa dramática, e o Prêmio Waldo Salt por Melhor Roteiro.

Nos dois anos seguintes, Ruffalo interpretou papéis nos filmes de ação *A Última Fortaleza*, atuando ao lado de Robert Redford e James Gandolfini, e *Códigos de Guerra*, contracenando com Nicolas Cage e Christian Slater. Também trabalhou na primeira produção da Nylon Films, *XX/XY*, escrito e dirigido por Austin Chick. Outros filmes de que Ruffalo participou incluem *Rebelde Até o Fim* da Miramax,

co-estrelado por Heather Graham e apresentado no Festival de Cinema de Sundance de 2000; *Cavalgada com o Diabo*, dirigido por Ang Lee e co-estrelado por Tobey Maguire e Skeet Ulrich; *Studio 54* da Miramax, com Mike Meyers; *Ladrões de Cofre*, com Sam Rockwell e Steve Zahn; *The Last Big Thing*, dirigido por Dan Zupovich; *Coisas da Idade*, de Joan Micklin Silver, com Jerry Stiller, e *Vizinho Amoroso*, de Dan Bootzin. As raízes de atuação de Ruffalo estão no teatro, onde ganhou atenção pela primeira vez ao estrelar a produção *This is Our Youth*, escrita e dirigida por Kenneth Lonergan, pela qual ganhou o Lucille Award de Melhor Ator. A revista *Variety* disse sobre sua atuação: "Mark Ruffalo é uma verdadeira descoberta... é uma atuação impressionante, engraçada e tocante ao mesmo tempo." Ruffalo foi vencedor de diversos prêmios por outras performances, incluindo o Dramalogue Award e o Theater World Award. Em 2000, foi visto em uma produção off - Broadway *The Moment When*, uma peça do vencedor do Prêmio Pulitzer e do Tony Award James Lapine. Ruffalo fez parte do ótimo elenco que incluía Illeana Douglas, Kieran Caulking e Arijia Bareikis.

Tendo estudado com Joanne Linville no distinto Conservatório Stella Adler, Ruffalo fez sua estréia no teatro em *Avenue A* no The Cast Theater. Deu continuidade a seu relacionamento com o The Cast Theater, atuando em várias peças premiadas de Justin Tanner, incluindo *Still Life With Vacuum Salesman* e *Tent Show*. Sendo também escritor, diretor e produtor, Ruffalo co-escreveu o roteiro para o filme independente *The Destiny of Marty Fine*, segundo colocado no Slamdance Film Festival de 1995 em Park City, Utah. Ele também dirigiu diversas peças e peças de um ato. Em 2000, dirigiu a peça de Timothy McNeil *Margaret*, no Hudson Backstage Theatre, em Los Angeles.

ALICE BRAGA (Mulher dos Óculos Escuros); a atriz brasileira Alice Braga vem sendo aclamada pela crítica e obtendo reconhecimento internacional, desde que sua excepcional atuação em *Cidade de Deus* catapultou o filme a indicações ao Globo de Ouro e ao Oscar. Participando de aproximadamente 12 filmes em cinco anos, Braga, que já caiu nas graças do cinema brasileiro, chamou a atenção de Hollywood com uma grande quantidade de projetos promissores no horizonte.

Recentemente, a atriz contracenou com Will Smith no campeão de bilheteria *Eu Sou A Lenda*. Baseado no romance de Richard Matheson, o lançamento da Warner Bros é dirigido por Francis Lawrence a partir de roteiro adaptado por Akiva Goldsman e Mark Protosevich.

Braga, atualmente, pode ser vista em *Redbelt*, de David Mamet, que narra a vida de um mestre do Jiu-jitsu, interpretado por Chiwetel Ejiofor, que deve entrar no ringue para recuperar sua honra depois de ser difamado por estrelas de cinema e promotores. Tim Allen e Emily Mortimer também participam da produção; a Sony Pictures Classics lançou o filme em 2 de maio de 2008.

Depois das filmagens de *Redbelt*, Braga uniu-se ao elenco, incluindo Sean Penn e Harrison Ford, no filme *Crossing Over*, de Wayne Kramer, que foca na vida dos imigrantes em Los Angeles e seus esforços para conquistar a cidadania norte-americana. A Weinstein Company irá lançar o filme no dia 22 de agosto de 2008.

Recentemente, Braga participou das filmagens de *Repossession Mambo* da Universal, contracenando com Jude Law e Forest Whitaker. Escrito por Eric Garcia e adaptado de seu próprio romance, esse filme de ficção científica conta a história de um homem que luta para pagar seu transplante de coração. O filme tem previsão de estréia para 2009.

As atuações anteriores de Braga incluem a alegre estudante de artes de *Só Deus Sabe*, filme em que contracenou com Diego Luna, com estréia no Festival Cinema de Sundance; *12 Horas Até o Amanhecer*, um filme independente sobre os bastidores da indústria brasileira de operações para a troca de sexo, com Mos Def e Brendan Fraser; o drama sobre os perigos de um triângulo amoroso, *Cidade Baixa*, e a comédia original *O Cheiro do Ralo*.

Alice é fluente em português, espanhol e inglês.

YUSUKE ISEYA (Primeiro Homem Cego); nascido em Tóquio, Yusuke Iseya começou a carreira como modelo enquanto estudava na Tokyo Geijutsu Daigaku (Universidade Nacional de Belas Artes e Música de Tóquio). Continuou os estudos na Universidade de Nova York, onde estudou cinema. Estreou atuando em *Depois da Vida*, seguido de *Kinpatsu no sougen* (pelo qual ganhou o Japanese Professional Movie Award em 2001), *Tão Distante*, *Inseto Perigoso* e *Yomigaeri*. Em 2003, estreou como diretor com *Kakuto* (pelo qual recebeu uma indicação ao Tiger Awards), mas depois voltou a atuar. Seus filmes incluem: *Dead End Run*, dirigido por Sogo Ishii e, em 2005, *The Passenger*, dirigido por François Rotger. Recentemente, Iseya trabalhou com o renomado diretor Takashi Miike em *Sukiyaki Western Django*, e finalizou seu trabalho em *Closed Note*, dirigido por Isao Yukisada.

YOSHINO KIMURA (Mulher do Primeiro Homem Cego); nasceu no dia 10 de abril de 1976, no Reino Unido, e viveu em Londres e Nova York até retornar ao Japão para continuar os estudos. Em 1996, estreou como atriz no drama NHK *Genki wo ageru (I'll Cheer You Up)*, do qual foi a protagonista. Em 1997, interpretou o papel de filha da heroína no filme *Shitsurakuen (Paradise Lost)* e ganhou o prêmio de Novata do Ano do Japan Academy Prize. Isso marcou seu salto ao estrelato.

Em julho de 2000, fez sua estréia nos palcos, interpretando a protagonista na

estréia de *Horobikaketa jinrui, sono ai no honshitsu to wa (Perishing Humankind, What is the Essence of its Love?)*, dirigida por Amon Miyamoto. Em 2003, fez parte do elenco de um musical pela primeira vez em *Me & My Girl*. Em Nova York, teve aulas de interpretação e dança. Em março de 2005, ela atuou em um drama no teatro, *Maboroshi ni kokoro mo sozoro kuruoshi no warera Masakado (The Saga of Shogun Masakado Taira)* dirigido por Yukio Ninagawa, interpretando o papel da esposa de Masakado Taira, Kikyo, que mereceu prêmios. Em agosto de 2005, interpretou o papel da esposa de Mozart, Constanze, no musical *Mozart!* Dez anos depois de sua estréia, sua atuação em *Semi shigure* (2006) lhe rendeu o prêmio de Melhor Atriz do Japanese Academy Awards. Em 2007, atuou na produção de Hollywood *Dream Cruise (SHOWTIME)*, seu primeiro papel todo falado em inglês. Seu novo filme *Sukiyaki Western Django* (todo em inglês) foi lançado em 2007.

Ela apareceu em mais de 50 dramas de televisão, filmes e dramas de teatro, assim como em comerciais. Além de ser ativa como atriz, Yoshino estreou como cantora em 1998 com a música *Iruka no natsu (Summer of a Dolphin)* e lançou cinco singles e três álbuns.

Em 2004, foi nomeada Embaixadora da Boa Vontade pela Visit Japan Campaign pelo Ministro da Terra, Infra-estrutura e Transporte. Também assumiu o papel de Embaixadora da Boa Vontade pela Japan-Korea Visit Year 2005 com a atriz sul-coreana Cho Ji Woo. Em 2006, serviu como Embaixadora da Boa Vontade do Turismo para o 2006 Japan-Australia Year of Exchange. Conquistou uma excelente reputação por sua habilidade em falar inglês com o objetivo de ser uma atriz de âmbito internacional.

MAURY CHAYKIN (Contador); é um dos mais versáteis e produtivos atores no mundo do cinema. Conhecido nos negócios como um ator de atores, Chaykin apareceu em mais de 140 filmes. *Dança com os Lobos* serviu de vitrine de seu enorme talento para uma enorme audiência em uma participação de prender a atenção, como um major suicida. Outros filmes de longa-metragem de que Chaykin participou são: *Meu Primo Vinny, Armadilha, Irmãos Gêmeos, Jogos de Guerra, Incrível Obsessão, Esquentando o Alasca, Tensão no Gelo, Meus Tios Heróis, O Canto das Baleias* (pelo qual ele ganhou o Genie Award de Melhor Ator em um papel principal), *Adorável Júlia* e *O Doce Amanhã*. Chaykin fez cinco filmes com o diretor canadense Atom Egoyan e trabalhou com Diane Keaton em seis projetos ao longo dos anos.

Chaykin também trabalhou por diversas vezes em programas para a televisão como *Boston Legal, CSI, Stargate* e estrelou por três anos o papel-título do brilhante agora-fóbico detetive *Nero Wolfe* na série da A&E. Mais recentemente, ganhou o Gemini Award por sua atuação na extraordinária série *At The Hotel*, de

Ken Finkelman, e tem entretido grandes audiências com sua hilariante interpretação de Harvey Weingard na popular série da HBO *Entourage*.

DANNY GLOVER (Velho da Venda Preta); o ator, produtor e humanitário Danny Glover tem sido uma presença inspiradora no cinema, nos palcos e na televisão por mais de 25 anos. Como ator, atuou em sucessos de bilheteria, como *Máquina Mortífera* e em uma variedade de filmes de longa-metragem, alguns dos quais ele próprio produziu. Mais recentemente, atuou no filme aclamado pela crítica *Dreamgirls – Em Busca de um Sonho*, dirigido por Bill Condon, e em *O Round Final*, dirigido por Clement Virgo. Apareceu no filme de sucesso *O Atirador* do diretor Antoine Fuqua, e será visto em *Be Kind, Rewind* dirigido por Michael Gondry. Também foi escalado para um papel fixo na premiada série de televisão *Brothers and Sisters*.

Glover também ganhou respeito pelo ativismo constante na comunidade e pelo empenho filantrópico, principalmente por advogar a favor da justiça econômica e do acesso a saúde, e a programas de educação nos Estados Unidos e na África. Por esses esforços, Glover recebeu o DGA Honor de 2006. Internacionalmente, foi nomeado Embaixador da Boa Vontade pela United Nations Development Program de 1998 até 2004, focando em problemas de pobreza, doença e desenvolvimento econômico na África, América Latina e Caribe, e atualmente é Embaixador do UNICEF.

Em 2004, Glover co-fundou a Louverture Films (www.louverturefilms.com), dedicada ao desenvolvimento e à produção de filmes com relevância histórica, propósito social, valor comercial e integridade artística. A empresa, baseada em Nova York, tem o propósito de produzir filmes de longa-metragem e documentários progressivos, como o recém-lançado *Bamako*, que recebeu ótimas críticas em sua estréia no Festival Internacional de Cinema de Cannes.

Nascido em São Francisco, Glover estudou na Black Actors' Workshop, do American Conservatory Theater. Foi sua estréia na Broadway, em *Master Harold...and Boys*, que lhe trouxe reconhecimento nacional e levou o diretor Robert Benton a escalar Glover em seu primeiro papel principal na produção indicada ao Oscar de Melhor Filme de 1984, *Um Lugar no Coração*. No ano seguinte, Glover atuou em mais dois longas-metragens indicados ao Oscar de Melhor Filme: *A Testemunha*, de Peter Weir, e *A Cor Púrpura*, de Steven Spielberg. Em 1987, Glover se juntou a Mel Gibson no primeiro filme da série *Máquina Mortífera* e seguiu estrelando as três seqüências da franquia de enorme sucesso. Glover também investiu seu talento em mais projetos pessoais, incluindo o premiado *Não Durma Nervoso*, do qual ele foi produtor executivo e pelo qual ganhou o Independent Spirit Award de Melhor Ator; *Bopha! – À Flor da Pele*; *Manderlay*; *Cicatrizes da Guerra*; e a versão cinematográfica da peça

de Athol Fugard *Boesman e Lena*.

Na telinha, Glover ganhou um Image Award e um Cable ACE Award e foi indicado ao Emmy pela atuação no filme da HBO *Mandela*. Ele também recebeu indicações ao Emmy por seu trabalho na aclamada minissérie *Os Pistoleiros do Oeste* e pelo telefilme *Freedom Song*. Como diretor, foi indicado ao Daytime Emmy por *Just a Dream* da Showtime.

GAEL GARCÍA BERNAL (Barman/Rei da Ala 3 do Hospital); ator praticamente desde que nasceu, Gael García Bernal começou a atuar nos palcos com seus pais no México, depois estudou na Central School for Speech and Drama, em Londres. Bernal atuou em diversas peças e filmes de curta-metragem antes de estreiar no longa-metragem *Amores Brutos*, de Alejandro Gonzalez, indicado como Melhor Filme Estrangeiro no Oscar de 2000. Ele ficou mais famoso depois de *E Sua Mãe Também*, de Alfonso Cuarón, no qual atuou com seu grande amigo Diego Luna.

Depois, interpretou o papel-título do filme que foi indicado ao Oscar *O Crime do Padre Amaro*, de Carlos Carrera. Mais tarde, Bernal foi escalado para interpretar o líder revolucionário Che Guevara em *Diários de Motocicleta*, de Walter Salles. Gael García Bernal também atuou em *Má Educação*, de Pedro Almodóvar. Em seguida, trabalhou no filme independente de James Marsh *The King* e em *The Science of Sleep*. Também atuou em *Babel*, de Alejandro Gonzalez Iñárritu, em *O Passado* e em *Rudo y Cursi*, ambos de Hector Babenco.

Bernal fundou a produtora de cinema Canana com Diego Luna e Pablo Cruz em 2005. Desde então, eles produziram *JC Chavez*, *Déficit*, *Cochochi* e, ainda em fase de produção, *Voy a Explotar*. Juntos, eles também realizam o *Ambulante*, festival de filmes e documentários, que viaja por diversas cidades no México.

García Bernal teve sua estréia como diretor em *Déficit*, um filme de longa-metragem de baixo orçamento rodado no México.

SOBRE OS REALIZADORES

FERNANDO MEIRELLES (Diretor); Indicado ao Oscar por *Cidade de Deus*,

Fernando Meirelles é formado em Arquitetura. Enquanto cursava a faculdade no Brasil, ele fez suas primeiras produções experimentais usando equipamento U-Matic e com uma equipe formada por amigos. Os filmes resultantes ganharam diversos prêmios nos festivais de filmes independentes do país.

O mesmo grupo de amigos fundou a produtora Olhar Eletrônico, que arejou a televisão brasileira nos anos 1980. Por uma década, o grupo produziu programas para uma grande variedade de canais de televisão. Em 1989/1990, Meirelles criou e dirigiu a popular série para crianças *Rá-Tim-Bum*, para a TV Cultura. Os 190 episódios de *Rá-Tim-Bum* receberam a Medalha de Ouro no New York Film and TV Festival, além de vários outros prêmios.

Para a televisão, Meirelles seguiu dirigindo comerciais e programas de TV. Sua Produtora independente, O2 Filmes, que tornou-se a maior no Brasil, recebeu os mais prestigiados prêmios nacionais e internacionais, incluindo cinco Cannes Lions, diversos Clios e treze vezes o prêmio Profissional do Ano. Em 1997, Meirelles dirigiu seu primeiro filme de longa-metragem, *O Menino Maluquinho*, com Fabrizia Pinto.

Meirelles participou do projeto televisivo *Brava Gente Brasileira* (2000) dirigindo o episódio *Palace II*, em parceria com Kátia Lund, como uma espécie de ensaio para *Cidade de Deus*. *Palace II* foi reeditado como um curta-metragem e ganhou o Prêmio de Melhor Curta-Metragem no Panorama Section do Festival de Cinema de Berlim de 2002, além de diversos outros prêmios internacionais. Em 2000, Meirelles fez seu segundo filme de longa-metragem, *Domésticas*, com o diretor Nando Olival, selecionado para competir no Festival Internacional de Cinema de Roterdã. Em 2002, ele terminou seu terceiro filme, adaptação para um longa-metragem do romance de Paulo Lins, *Cidade de Deus*. O filme foi coproduzido pela Video Filmes, de Walter Salles (*Central do Brasil*). *Cidade de Deus* ganhou mais de 52 prêmios ao redor do mundo e recebeu quatro indicações ao Oscar de 2004, incluindo: Melhor Diretor (Fernando Meirelles); Melhor Fotografia (César Charlone); Melhor Edição (Daniel Rezende) e Melhor Roteiro Adaptado (Bráulio Mantovani).

Desde 2002, seguindo o sucesso de *Cidade de Deus*, a O2 Filmes, em parceria com a Rede Globo de Televisão, produziu cinco episódios por ano da série de televisão *Cidade dos Homens*. Meirelles produziu todos os episódios e dirigiu vários deles. Atualmente está envolvido no projeto da série *Som e Fúria* para a TV Globo.

Em 2004, Meirelles dirigiu o filme de longa-metragem *O Jardineiro Fiel*, baseado no romance de John Le Carré, que teve 4 nomeações ao Oscar e ganhou o Oscar de Melhor Atriz para Rachel Weisz.

DON McKELLAR (Roteirista/Ladrão); Para os entendidos em cinema canadense, Don McKellar é mais conhecido por suas colaborações com Bruce McDonald. McKellar escreveu *Roadkill* e *Highway 61*, co-escreveu *Terra Sem Lei*, e atuou em *Roadkill* e *Highway 61*. Ele também co-escreveu (com François Girard) o ganhador do Genie *O Gênio e Excêntrico Glenn Gould*, *O Violino Vermelho*, e escreveu, dirigiu e atuou em seu mais recente filme de longa-metragem, *Childstar*. McKellar é um dramaturgo (ganhou o Tony Award 2006 com *The Drowsy Chaperone*, Melhor Livro de um Musical) e para a televisão (*Twitch City*). Seu papel em *Exótica*, de Atom Egoyan, lhe rendeu um Prêmio Genie na categoria Melhor Ator Coadjuvante e, pela estréia como diretor de *A Última Noite*, ganhou o Prix de la Jeunesse, em Cannes. Também atuou em *Verdade Nua*, de Atom Egoyan, *Clean* de Olivier Assayas, na série aclamada pela crítica *Slings & Arrows*, *Gigante da Planície – A História de Tommy Douglas* de John N. Smith, *No Centro da Cidade*, de Gary Burns e *eXistenZ*, de David Cronenberg, assim como *Joe Versus Josephine*, de Peter Wellington e *Quando a Noite Cai*, de Patrícia Rozema.

NIV FICHMAN (Produtor); é um dos sócios fundadores da Rhombus Media, reconhecido como um dos mais respeitados produtores de filmes de longa-metragem, séries de televisão e outros tipos de entretenimento de alta qualidade.

Fichman produziu a maioria dos projetos da Rhombus, que agora giram em torno de 200 filmes nos últimos 30 anos. Ele é responsável por diversos filmes de longa-metragem renomados, sendo o mais recente, o épico canadense sobre a Primeira Guerra Mundial *Passchendaele*, escrito, dirigido e estrelado por Paul Gross. Fichman produziu, anteriormente, para diretores como François Girard, Olivier Assayas, Guy Maddin, Don McKellar, Peter Mettler, David Wellington, Peter Wellington, Kevin McMahon, Marc Evans, assim como seus parceiros na Rhombus, Larry Weinstein e Bárbara Willis Sweete. Algumas das produções recentes de Fichman incluem uma adaptação do bem-sucedido romance *Seda*, do autor italiano Alessandro Baricco, com o diretor de *O Violino Vermelho* François Girard, e com a atuação de Michael Pitt e Keira Knightley; *Um Certo Olhar*, de Marc Evan, estrelado por Alan Rickman, Sigourney Weaver e Carrie-Anne Moss; assim como *Childstar*, de Don McKellar, e *Clean*, de Olivier Assayas, com Maggie Cheung, Nick Nolte e Beatrice Dalle, pelo qual Cheung ganhou a Palma de Melhor Atriz no Festival de Cinema de Cannes de 2004.

Fichman também produziu o vencedor do Oscar *O Violino Vermelho*, *A Música Mais Triste do Mundo*, *Longa Jornada Noite Adentro*, *O Gênio e Excêntrico Glenn Gould*, *A Última Noite* e *September Songs*. Para a televisão, produziu *Slings & Arrows*, uma minissérie de 18 episódios ganhadora de vários prêmios,

transmitida pelo Canal Sundance, nos Estados Unidos, e por diversos canais ao redor do mundo, e *Yo-Yo Ma: Inspired By Bach*, uma série em seis partes que obteve notório sucesso internacional na televisão e em DVD. Durante os últimos 30 anos, as produções da Rhombus receberam literalmente centenas de prêmios incluindo um Oscar, diversos International Emmy, Primetime Emmy, vários Gemini, Genie e alguns Golden Prague e Golden Rose.

Além de suas atribuições como produtor, Niv Fichman dirigiu algumas das produções da Rhombus, incluindo *Crossing Bridges*, *Lutando Por Esperança*, *Marcelo Alvarez: In Search of Gardez* e *World Drums*.

Fora da Rhombus, terminou recentemente uma tarefa de oito anos no conselho do Festival Internacional de Cinema de Toronto. Ele também recebeu o diploma de Doutor em Letras pela Universidade York, em junho de 1998. Recentemente, Niv Fichman foi nomeado o Produtor Canadense do Ano de 2007 pela CFTPA.

ANDREA BARATA RIBEIRO (Produtora); considerada pela revista *Variety* como uma das 50 mulheres mais influentes na indústria do entretenimento mundial. Sócia da O2 Filmes, produziu o premiado longa *Cidade de Deus* (2002) e também *Domésticas* (2001), de Fernando Meirelles e Nando Olival; *Viva Voz* (2002) de Paulo Morelli, *Não Por Acaso* (2007), de Philippe Barcinski; *Cidade dos Homens* (2007), de Paulo Morelli; *O Banheiro do Papa* (2007), de César Charlone e Enrique Fernández. Para a TV, produziu a série *Cidade dos Homens* (2002/2003/2004/2005), para a Globo, *Filhos do Carnaval* (2006), para a HBO e *Antônia* (2007) para a Globo. *Filhos do Carnaval* e *Antônia* foram indicadas ao Emmy International. Atualmente produz o longa *À Deriva*, de Heitor Dhalia; a série *Som e Fúria*, para a TV Globo, com direção geral de Fernando Meirelles; e a 2ª temporada de *Filhos do Carnaval* para a HBO, com direção geral de Cao Hamburger.

SONOKO SAKAI (Produtora); agregou diversas culturas em uma carreira de filmes na qual se valeu de seu histórico internacional. Nascida em Nova York, Sakai foi criada no Japão, nos Estados Unidos e no México.

Sakai é fundadora da Bee Vine Pictures, uma produtora de cinema foi criada em Los Angeles e no Japão para desenvolver e produzir filmes de qualidade. Produziu *Seda*, estrelado por Keira Knightley, Michael Pitt e Koji Yakusho e dirigido por François Girard. Antes de produzir, Sakai comprava filmes até fundar a Gaga América, subsidiária da Gaga Communications, distribuidora de filmes japonesa. Em 1990, Sakai deixou a Gaga com destino ao escritório da Nippon Herald Films, nos Estados Unidos. Durante seus 20 anos como compradora de filmes, Sakai adquiriu diversos sucessos de bilheteria como a

trilogia de *O Senhor dos Anéis*, *Elizabeth: A Era de Ouro*, *Diários de Motocicleta*, *Migração Alada*, *Billy Elliot*, *Traffic*, *Heat*, *Como Água Para Chocolate*, *A Paixão de Cristo* e *True Lies*.

Sakai trabalhou no conselho executivo da Film Independent (IFP), em Los Angeles, o patrocinador do Independent Spirit Awards. É formada pela UC Davis e pretendia obter um doutorado em educação na UCLA, quando decidiu mudar o curso de sua vida e trabalhar com cinema.

BEL BERLINCK (Co-produtora); ao lado de Fernando Meirelles, Andrea Barata Ribeiro e Paulo Morelli, implantou e desenvolveu o departamento de filmes e televisão na O2 Filmes, da qual é sócia. Produziu os filmes de longa-metragem *Cidade dos Homens* (2007), *O Banheiro do Papa* (2007), *Não Por Acaso* (2007), *Antônia* (2007) e *Contra Todos* (2004); os seriados de televisão *Cidade dos Homens* e *Antônia*, ambos transmitidos pela TV Globo, e *Filhos do Carnaval*, para a HBO – todas as séries finalistas do Emmy International. Trabalhou como produtora executiva nos filmes de longa-metragem *Viva Voz* (2003), *Cidade de Deus* (2002) e *Domésticas* (2001). Atualmente trabalha na produção de *À Deriva*, de Heitor Dhalia, em pós-produção; na série *Som e Fúria*, com direção geral de Fernando Meirelles, para a TV Globo; e na 2ª temporada de *Filhos do Carnaval*, de Cao Hamburger, para o canal pago HBO.

SARI FRIEDLAND (Co-produtora); tem sido parte integral de várias das mais bem-sucedidas séries de televisão canadenses nas últimas três décadas, incluindo a original *Degrassi* (90 episódios de meia hora), *Liberty Street* (26 episódios de meia hora) e *Riverdale* (42 episódios de uma hora). Posteriormente, Friedland produziu a série vencedora de diversos Gemini *Slings & Arrows* (18 episódios de uma hora) para a Rhombus Media, que vai ao ar na Showcase, The Movie Network e Movie Central, no Canadá, e no Sundance Channel, nos Estados Unidos. Friedland completou recentemente a primeira fase de produção do *reality show* de entretenimento *Triple Sensation* para a CBC. *Red Green's Duct Tape Forever* foi a estréia de Friedland como produtora de filmes de longa-metragem. Para a Rhombus Media, ela produziu o filme *Clean*, escrito e dirigido pelo francês Olivier Assayas, estrelado por Maggie Cheung e Nick Nolte. *Clean* teve sua estréia no Festival de Cinema de Cannes de 2004, onde Maggie Cheung recebeu o prêmio de Melhor Atriz.

Durante os últimos 20 anos, Friedland dedicou grande parte de seu tempo à Canadian Film and Television Producers Association (CFTPA), representando os interesses de produtores independentes, e atualmente ocupa o cargo de diretora

do Comitê de Relações Industriais, no Conselho de Diretores da CFTPA. Ela participou ativamente das bem-sucedidas negociações dos últimos quatro acordos da DGC, ACTRA e WGC. Em reconhecimento ao seu trabalho voluntário, Friedland recebeu o Kodak/CFTPA 2006 Lifetime Achievement Award.

GAIL EGAN (Produtora Executiva); é uma advogada qualificada e praticou advocacia comercial na Lincoln's Inn antes de juntar-se à Price Waterhouse Corporate Finance. Ela, então, trabalhou para o International Media Group Carlton Communications.

Em 2000, fundou a produtora de filmes independentes Potboiler Productions com Simon Channing Williams. Juntos, produziram sete filmes de longa-metragem, incluindo a clássica adaptação de *O Herói da Família*, dirigido por Douglas McGrath, o épico *Brothers of the Head* dirigido por Lou Pepe e Keith Fulton, além do vencedor do Oscar *O Jardineiro Fiel*, dirigido por Fernando Meirelles.

Gail atualmente trabalha como produtora executiva de *Happy-Go-Lucky*, de Mike Leigh, e *Lecture 21*, de Alessandro Baricco, assim como de *Distant Thunder*, um filme de longa-metragem sobre a vida selvagem, com direção de Mark Deeble e Victoria Stone, o qual será filmado na África em 2008. Potboiler adquiriu os direitos do último romance de John Le Carré, *The Mission Song*, e está desenvolvendo o roteiro.

SIMON CHANNING WILLIAMS (Produtor Executivo); a carreira de Simon Channing Williams começou na BBC, onde ele trabalhou com Stephen Frears, James MacTaggart, Mike Newell, Michael Apted e Mike Leigh, entre outros.

Como resultado do trabalho com Mike Leigh, eles formaram a Thin Man Films em 1988, produzindo diversos filmes aclamados pela crítica, como o vencedor da Palma de Ouro *Segredos e Mentiras*, os indicados ao Oscar *Topsy-Turvy* e *Vera Drake*, que também ganhou o Leão de Ouro no Festival de Cinema de Veneza.

Fora de sua relação com Mike Leigh e a Thin Man Films, Simon Channing Williams produziu outros filmes, incluindo *Puccini*, para o diretor Tony Palmer, *Salvem as Baleias*, dirigido por Clive Rees e *Jack & Sarah*, dirigido por Tim Sullivan, que foi um enorme sucesso de bilheteria no Reino Unido, assim como o filme do estreante Nick Love *Goodbye Charlie Bright*.

Em 2000, fundou a produtora de filmes independentes Potboiler Productions com Gail Egan. Juntos, eles produziram sete filmes de longa-metragem, incluindo a clássica adaptação de *O Herói da Família*, dirigido por Douglas

McGrath, o épico *Brothers of the Head* dirigido por Lou Pepe e Keith Fulton, e o vencedor do Oscar *O Jardineiro Fiel*, dirigido por Fernando Meirelles.

Simon e Mike Leigh terminaram recentemente seu décimo-primeiro filme juntos, *Happy-Go-Lucky*. O filme terá seu lançamento mundial em 2008. Potboiler também adquiriu os direitos do mais recente romance de John Le Carré, *The Mission Song*.

Como resultado de ter filmado *O Jardineiro Fiel*, Simon criou a The Constant Gardner Trust, que está construindo uma escola secundária na cidade desértica de Loiyangalani, aproximadamente 600 quilômetros ao norte de Nairóbi. A escola estará pronta no final de 2009. A fundação também está construindo chuveiros e banheiros na favela de Nairóbbi chamada Kibera, e instalando torres de água de 10 mil litros.

Ele recebeu o título de cidadão honorário de Loiyangalani e, em dezembro passado, foi condecorado com a Ordem do Grande Guerreiro pelo presidente Kabaki, em reconhecimento ao trabalho, tanto no filme *O Jardineiro Fiel* como na The Constant Gardner Trust.

CÉSAR CHARLONE, ABC (Cinematografia); nasceu no Uruguai. Em 1970 se mudou para o Brasil, deixando para trás um curso de veterinária. Morou em São Paulo, onde estudou cinema e começou a trabalhar com propaganda. Em 1975, foi para a Europa, onde ficou por três anos e meio trabalhando em diferentes países. Passou por vários empregos diferentes, inclusive o de diretor de fotografia na Suécia. De volta ao Brasil, César fez alguns documentários sobre o movimento operário, sendo que um deles inclui uma participação de Lula, que se tornaria o presidente do Brasil.

César trabalhou como diretor de fotografia em diversos filmes de longa-metragem, entre eles *O Homem da Capa Preta* (1984); *Feliz Ano Velho* (1986) e *Como Nascem os Anjos* (1995). Em 1994, dirigiu e supervisionou vinte e dois cameramen em *Dois Bilhões de Corações*, o filme oficial da Copa do Mundo da FIFA. Também filmou o documentário *Pierre Verger – Mensageiro Entre Dois Mundos*. Passou três anos e meio em Cuba, onde ensinou fotografia e ajudou a criar a famosa Escola Internacional de Cinema de Cuba. Em 2003, trabalhou como câmera em *Chamas da Vingança*, de Tony Scott e foi o diretor de fotografia de *Código das Ruas*, dirigido por Spike Lee.

Tendo trabalhado na O2 filmes, se juntou a Fernando Meirelles em vários projetos, incluindo o curta-metragem *Palace II* e os filmes de longa-metragem *Cidade de Deus*, pelo qual ele ganhou o Golden Frog (Cameraimage – Polônia) e foi indicado ao Oscar de Melhor Fotografia; e *O Jardineiro Fiel* (2005), que lhe rendeu um Satellite Award e uma indicação ao BAFTA. César também encontrou

tempo para dirigir episódios da série de televisão brasileira *Cidade dos Homens*. Desde 1975, dirige comerciais de televisão sempre que pode, somando mais de 700 até agora. Em 2007, lançou *O Banheiro do Papa*, sua estréia como diretor de filmes de longa-metragem, que participou de vários Festivais Internacionais e Nacionais, dentre eles a Mostra Um Certain Regard no Festival de Cannes e a Mostra Internacional de SP, onde foi escolhido o Melhor Filme, ambos em 2007.

TULÉ PEAKE (Production Designer); production designer e cenógrafo nascido em São Paulo, em 1957. Com experiência em publicidade e televisão, Tulé começou a carreira no cinema com *Os Matadores* (1997), de Beto Brant. Também trabalhou como diretor de arte nas comédias *Alô?! (1998)*, de Mara Mourão, e *Por Trás do Pano* (1999), de Luiz Villaça. Trabalhou com Fernando Meirelles nos filmes *Menino Maluquinho II – A Aventura*, co-dirigido por Fabrizia Alves Pinto, *Domésticas* (2001), co-dirigido por Nando Olival, e *Cidade de Deus* (2002). Formou-se em arquitetura pela Universidade Brás Cubas, em São Paulo, e começou a trabalhar com publicidade nos anos 1970. Trabalhou como cenógrafo e diretor de arte em mais de mil comerciais e esteve ativo em vários canais de televisão. Trabalhou como diretor de arte nos filmes *Redentor* (2003), de Cláudio Torres, *Acquaria* (2004), de Flávia Moraes, *Casa de Areia* (2005), de Andrucha Waddington, pelo qual ganhou o ABC Award em sua categoria, e *O Maior Amor do Mundo* (2006), de Carlos Diegues. Em 2007, foi diretor de arte do filme *Tropa de Elite*, de José Padilha.

RENÉE APRIL (Figurino); recentemente desenhou o figurino para *10.000 A.C.*, de Ronald Emmerich, *Uma Noite no Museu*, de Shawn Levy, o épico fantasioso sobre vikings e índios Americanos de Marcus Nispel, *Desbravadores*, e para a história de viagem no tempo de Darren Aranofsky, *Fonte da Vida*. Trabalhou com o diretor Roland Emmerich no sucesso da Fox *O Dia Depois de Amanhã*, com Dennis Quaid e Jake Gyllenhaal. Também desenhou os figurinos para o premiado drama *Confissões de Uma Mente Perigosa*, estrelado por George Clooney, Sam Rockwell e Drew Barrymore; e, seguindo uma linha mais leve, April trabalhou com o diretor Bill Paxton no drama esportivo *O Melhor Jogo da História*.

Anteriormente, April colaborou com o diretor Alan Rudolph nos aclamados dramas de época *Moderns* e *O Círculo do Vício*, com Jennifer Jason Leigh e Matthew Broderick. Outros de seus filmes são *Filhos do Silêncio*, estrelado por William Hurt e Marlee Matlin; *Agnes de Deus*, dirigido por Norman Jewison e estrelado por Jane Fonda e Meg Tilly; *Hábito Negro*, dirigido por Bruce Beresford e o filme independente e aclamado pela crítica *O Mapa do Coração*, da Working

Title Films.

April nasceu em Montreal, e os filmes canadenses dos quais participou incluem o aclamado pela crítica *O Violino Vermelho*, com Samuel Jackson e Greta Scacchi; e *O Guerreiro da Paz*, estrelando Pierce Brosnan, que lhe rendeu o Genie Award (Oscar Canadense) por Realização em Design de Figurinos. April também recebeu um Genie pelo trabalho em *Quando Chega o Amor*, com Liv Ullman e Kiefer Sutherland, e foi indicada ao Genie por *O Beijo Mortal*, de Pen Densham, estrelando Joanna Pacula.

DANIEL REZENDE (Montagem); nasceu em São Paulo, Brasil, e começou editando comerciais e videoclipes em 1997. Seu primeiro filme de longa-metragem foi *Cidade de Deus*, dirigido por Fernando Meirelles, seguido por outro filme de longa-metragem brasileiro, *Narradores de Javé*, dirigido por Elliane Caffé. Seu primeiro filme fora do Brasil foi *Diários de Motocicleta*, dirigido por Walter Salles, uma adaptação em espanhol de um livro de Ernesto "Che" Guevara. *Água Negra* foi seu primeiro filme na língua inglesa, novamente dirigido por Walter Salles. Outros trabalhos de Daniel incluem três filmes de longa-metragem brasileiros, *O Ano Em que Meus Pais Saíram de Férias*, dirigido por Cao Hamburger, *Cidade dos Homens*, dirigido por Paulo Morelli e *Tropa de Elite*, dirigido por José Padilha. Rezende também montou dois episódios da série da HBO chamada *Filhos do Carnaval*.